CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
20 e 26 de novembro de 2026

HIS BUTLER'S SISTER/ 1943
A Irmã do Seu Criado

Um Filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage/ Argumento: Samuel Hoffenstein e Betty Reinhardt/ Fotografia: Woody Bredell/ Direcção Artística: John B. Goodman e Martin Obzina/ Música: Charles Previn/ Montagem: Ted Kent/ Intérpretes: Deanna Durbin (Ann Carter), Franchot Tone (Charles Gerard), Pat O'Brien (Martin Murphy), Evelyn Ankers (Liz Campbell), Elsa Janssen (Severina), Walter Catlett (Mortimer), Akim Tamiroff (Popoff), Alan Mowbray (Buzz), Frank Jenks (Emmet), Sig Arno (Moreno), Hans Conried (Reeves), Andrew Tombs (Brophy).

Produção: Frank Borzage e Frank Shaw, para Universal/ Cópia: em 16mm, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português/ Duração: 90 minutos/ Estreia Mundial: Hollywood, 9 de Novembro de 1943/ Estreia em Portugal: São Luís, em 8 de Maio de 1945/ Primeira exibição na Cinemateca: "Ciclo Frank Borzage", abril-junho 1990.

Com HIS BUTLER'S SISTER reencontramos Cinderella, com Deanna Durbin no lugar de Kathryn Grayson. Entre 1943 e 1945, Borzage, como realizador e produtor independente, fez quatro filmes para quatro diferentes estúdios: STAGE DOOR CANTEEN, para a United Artists (uma obra menor e inserida num figurino preciso do filme de guerra na retaguarda), HIS BUTLER'S SISTER para a Universal, o genial TILL WE MEET AGAIN para a Paramount e THE SPANISH MAIN para a RKO. Excluindo, pelas razões referidas o primeiro, os restantes não são indignos do autor de THE RIVER, mesmo esta comédia dramática, aparentemente anódina, mas onde se encontram tantas das suas preocupações e tanto do seu estilo. A "fairy tale", naturalmente, mas também uma das obras onde se insinuam por vezes de forma objectiva, as relações de classe entre os intérpretes, numa perspetiva que Frederick Lamster no seu texto fundamental sobre o realizador, e com frequência citado, *Souls Made Great Through Love and Adversity*, refere como "the slightly Marxist tone", na sequência em que a divisão social se afirma, o baile dos criados, onde os patrões não têm entrada, que também se podia referir a rituais de festas primitivas do Carnaval, onde os papéis se invertiam (e é apenas por um favor particular da cozinheira que Franchot Tone tem acesso à festa).
O início é desde logo curioso, com a sua epígrafe "This is a fable of the day before yesterday", que elide a guerra que então se travava, mas que é imediatamente lembrado, de forma irónica no resto do texto, ao referir que a comida, vestuário e artigos que se vêem no filme não têm nada a ver com os actuais, naturalmente sujeitos a racionamento (idêntica fórmula, simultaneamente irónica e crítica era usada na que penso ser a melhor comédia portuguesa dos anos 40, A MENINA DA RÁDIO, de Arthur Duarte, com a sua epígrafe: "No tempo em que havia bolos nas pastelarias de Lisboa"). A legenda não nos leva apenas para um hipotético passado, mas principalmente para o mundo de fábula das histórias de encantar. Porque HIS BUTLER'S SISTER é, como já referimos, uma variação de uma das mais populares dessas histórias: Cinderella, naturalmente, mas também Snow White, com o grupo de mordomos namoradeiros sempre em volta de Deanna Durbin, enquanto Pat O'Brien, o irmão, desempenha simultaneamente função de madrasta (provocando a ruptura do romance entre a cantora e o compositor, mas com base mais em preconceitos sociais do que por uma atitude puramente negativa) e de madrinha (ao dar, finalmente, o seu aval ao romance). Esta última função é partilhada pela cozinheira, responsável pela

entrada do compositor no baile a que não pertence. Nesta sequência a figura de Cinderella é intermutável: Não é Deanna e sim Franchot Tone. Já em LITTLE MAN, WHAT NOW? "Cinderella" era o personagem masculino Douglass Montgomery.
Em certa medida HIS BUTLER'S SISTER retoma uma construção semelhante à de HEART'S DIVIDED, o mais interessante dos três filmes em que Borzage dirigiu Dick Povell nos anos 30. É também um amor marcado por acentuadas diferenças sociais, sublinhadas por Borzage na forma como os encontros e a reunião final dos pares são encenados. O encontro final em HEART'S DIVIDED faz-se num travelling que acompanha a corrida do par ao longo de um muro que os separa para culminar num movimento de grua para a frente que enquadra o par que se abraça à entrada, isolando-o do mundo que o rodeia. Em HIS BUTLER'S SISTER a barreira é humana e vai-se abrindo em simultâneo com a corrida dos amantes um para o outro para culminar em idêntico movimento de grua com a mesma função de isolamento. Como nos melodramas de Borzage, o par basta-se a si próprio, sem interferências exteriores, fixo para sempre no "fade-out" final. Este movimento de câmara é, em certa medida, simétrico do que introduz Deanna Durbin no mundo que pretende conquistar com a sua voz (mesmo que o seu tom seja o da comédia, HIS BUTLER'S SISTER está mais próximo da temática dos melodramas de Borzage, com a pergonagem feminina de função activa, perante o relativo apagamento, e o sentimento de incompletude do personagem masculino): um travelling acompanha a personagem sempre vista de costas, enquanto à sua volta as pessoas se desviam e ficam a contemplá-la com sorrisos apreciadores e de simpatia. A sua energia, a faceta activa a que nos referimos, afirma-se logo neste começo, quando tenta fazer-se ouvir pelo compositor, o que dá origem a um equívoco que é um dos primeiros gags do filme. Atitude que volta a assumir quando, depois de descobrir que o irmão não é a pessoa abastada que julgava, e sim o criado do compositor, se emprega como criada para nova tentativa. Numa belíssima sequência Deanna entoa uma melodia ao piano que coincide com a abertura do aparelho de rádio por Franchot Tone, o que não o deixa perceber quem de facto cantava. Esta interferência (mecânica) é, como o conceito de classe do criado, uma das barreiras que impedem a ligação do par. De novo o amor de ambos opera o fenómeno de transcendência habitual na obra de Borzage. Não será das suas obras mais importantes, mas, nem por isso, deixa de ser significativa. Todas as grandes qualidades de Borzage, tanto temáticas como estéticas, estão lá, embora não alcancem o primeiro plano como nos seus filmes mais conhecidos. E tem, ao contrário do grande filme falhado desta época, SMILIN' THROUGH, um elenco notável, com Borzage dirigindo de novo o excelente Franchot Tone depois de THREE COMRADES, uma Deanna Durbin menos convencional do que era hábito, e um fabuloso grupo de "mordomos": Akim Tamiroff, Alan Mowbray, Sig Arno e Hans Conried.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito em 1990.